

ADJUVANTES E PRODUTOS QUÍMICOS NO CONTROLE DA COCHONILHA DA ROSETA EM CAFÉ CONILON.

M. J. Fornazier (Eng^o Agr^o MSc Entomologia/INCAPER.); J. L. Freitas (Eng^o Agr^o Bayer CropScience); L. H. De Muner (Eng^o Agr^o MSc Solos/INCAPER)

Apesar do café conilon ser uma espécie mais rústica e mais resistente às diversas pragas e doenças que ocorrem no campo, a cultura é atacada por algumas pragas, em maior ou menor intensidade, limitando a produção e a produtividade, dependendo das condições climáticas e de fatores como os tratamentos culturais e o manejo da lavoura. Algumas espécies de pragas, de ocorrência esporádica, podem ocupar papel de destaque em anos nos quais seus picos populacionais atingem nível de dano, causando prejuízo econômico. No Estado do Espírito Santo, a cochonilha branca da roseta, *Planococcus sp*, tem causado perdas consideráveis para a cultura de *C. canephora*, provocando queda acentuada de frutos, tanto no estágio de verdes, como já em estágio de maturação mais avançados. A cochonilha branca da roseta, pertence a um complexo de cochonilhas que vem tomando papel de praga-chave há alguns anos, em diversos municípios do estado do Espírito Santo onde se cultiva o café conilon. O inseto é citado na literatura atacando uma ampla variedade de hospedeiros; aloja-se na base dos frutos do cafeeiro, onde fica protegido dos inimigos naturais e da ação de defensivos. O ataque ocorre, inicialmente, em reboleiras, se disseminando à medida que se observa um aumento de sua população, com conseqüente aumento da sucção de seiva e queda considerável de frutos ainda verdes. Os prejuízos podem atingir 100% da produção em lavouras altamente infestadas, devido à sua uniforme distribuição no campo. Sua disseminação tem sido observada pelas formas móveis de ninfas e adultos dentro da planta e, possivelmente, por formigas tipo lava-pé, se dirigindo para as extremidades das plantas.

Com o objetivo de avaliar a eficiência de produtos químicos e adjuvantes para o controle da cochonilha da roseta em café conilon via pulverização foliar, foi instalado um experimento no delineamento experimental de blocos ao acaso, contendo 21 tratamentos e três repetições, sendo que cada parcela constituiu-se de três plantas de cafeeiro conilon, sendo a avaliação realizada na planta central. A lavoura encontrava-se instalada em linhas espaçadas de 3 x 1 m, perfazendo um total de 3333 plantas/ha e contava com 3 anos de idade. O experimento foi instalado em outubro de 2003, no município de Linhares, região norte do Estado do Espírito Santo, utilizando-se pulverizador costal manual com capacidade para 20 litros e gasto de calda de 950 litros/ha. Os tratamentos utilizados foram o Deltaphos (0,7 l p.c./ha), Provado 200 SC (0,25 l p.c./ha), Provado Duo (0,5 kg p.c./ha), Turbo (0,25 l p.c./ha), Perfekthion (1,5 l p.c./ha), Astro (2,0 l p.c./ha) e uma testemunha. A todos os produtos químicos foram adicionados Silwett (0,03%), óleo mineral (0,5%) e espalhante adesivo AG-Bem (0,1%). A avaliação foi realizada com 05 dias após a pulverização, através da coleta aleatória de dez ramos do cafeeiro por parcela, onde foram contados o número de rosetas total e o número de rosetas infestadas com cochonilhas vivas, através de microscópio estereoscópico. Para tanto o material foi transportado para o laboratório de entomologia do Centro Regional de Desenvolvimento Rural Centro-Serrano. A eficiência de controle da cochonilha da roseta do cafeeiro foi calculada pela fórmula de Abbott com base na redução percentual da população, tomando-se por referência a testemunha (sem aplicação de produtos químicos).

Resultados e conclusões

Observa-se que os melhores resultados de controle da cochonilha da roseta foram obtidos quando os produtos químicos foram misturados com o adjuvante siliconado Silwett a 0,03%, com destaque para o Deltaphos CE (deltametrina + triazophos) na dose de 0,7 l p.c./ha e para o Astro (clorpirifos) na dose de 2,0 l p.c./ha. Não se observou eficiência “knock down” de nenhum dos produtos testados, quando se adicionou óleo mineral (0,5%) ou espalhante adesivo (0,1%). A infestação de cochonilha na testemunha foi de 76,3% das rosetas do cafeeiro.

Tabela 1. Percentagem de eficiência de controle (%E) da cochonilha da roseta em café conilon, realizada 5 dias após a aplicação dos tratamentos. Linhares/ES, 2005.

Tratamentos	Adjuvantes		
	Siliconado (0,03%)	Óleo mineral (0,5%)	Espalhante adesivo (0,1%)
Testemunha	-----	-----	-----
Deltaphos CE - 0,7l/ha	81,2	43,3	27,3
Provado - 0,25kg/ha	38,0	25,0	15,0
Provado Duo - 0,5kg/ha	52,3	25,7	18,3
Turbo - 0,25l/ha	56,7	24,3	16,7
Perfekthion - 1,5l/ha	32,0	19,3	13,7
Astro -2,0l/ha	70,7	46,7	25,0

DESENVOLVIMENTO DA COCHONILHA-BRANCA *Planococcus citri* (RISSO, 1813) (HEMIPTERA: PSEUDOCOCCIDAE) EM DOIS CULTIVARES DE CAFÉ *Coffea arabica* L.

L. R. B. Correa – Bolsista FAPEMIG/EPAMIG/CTSM/EcoCentro/Lavras, MG; E. Alcantra – Mestranda em Entomologia/UFLA; L. V. C. Santa-Cecília – Dra. Pesquisadora, EPAMIG/CTSM/EcoCentro/Lavras, MG; M. Pedro Neto – Doutorando em Entomologia/UFLA; B. Souza – Dra. Professora do Departamento de Entomologia/UFLA.

Vários pseudococcídeos foram relatados ocorrendo em cafeeiros no Brasil, e entre eles, a cochonilha *Planococcus citri* (Risso, 1813) (Hemiptera: Pseudococcidae) encontrada na parte aérea dessa cultura, atacando desde a floração até a colheita sugando os frutos nas rosetas, e em grandes infestações causam o definhamento da planta, podendo levá-la à morte.

Os danos são devido à sucção contínua da seiva e ingestão de toxinas no ato da alimentação, causando dessa forma a redução e deformação nos frutos quando são ainda novos. Ao sugarem a seiva expelem um líquido açucarado denominado “honeydew”, que favorece a incidência de um fungo de cor preta, que reveste os frutos e folhas impedindo a fotossíntese e dificultando a respiração da planta.

Existem relativamente poucas informações referentes aos aspectos biológicos das espécies desse grupo de insetos e devido à importância da realização de pesquisas visando ao seu controle, objetivou-se no presente trabalho estudar alguns aspectos biológicos de *P. citri* em dois cultivares de café.

O trabalho foi conduzido no período de julho a outubro de 2004, no Laboratório de Controle Biológico de Pragas do CTSM/EcoCentro/EPAMIG, em sala climatizada com temperatura de 25 ± 1° C, 70 ± 10% de umidade relativa e 12 horas de fotofase. Foram utilizadas plantas de *Coffea arabica* dos cultivares Acaia Cerrado e Catuaí Vermelho, oriundas do Campus da UFLA.